

# UMA RESENHA DE *AQUELE QUE DIZ SIM E AQUELE QUE DIZ NÃO*, DE BERTOLT BRECHT

Data de submissão: 14/10/2024

Data de aceite: 02/12/2024

**Gabriela Cristina Borborema Bozzo**

FCLAr/UNESP

Araraquara – SP

<https://lattes.cnpq.br/8978103083856101>

**RESUMO:** A presente resenha busca averiguar o teatro épico de Bertolt Brecht e verificá-lo em nosso *corpus*: a peça teatral brechtiniana *Aquele que diz sim e aquele que diz não*. A baliza teórica é composta por *Teoria do drama moderno (1880-1950)*, de Peter Szondi.

**PALAVRAS-CHAVE:** Brecht, teatro épico, peça didática.

### A REVIEW OF *AQUELE QUE DIZ SIM E AQUELE QUE DIZ NÃO*, BY BERTOLT BRECHT

**ABSTRACT:** The present review seeks to investigate Bertolt Brecht's epic theater and verify it in our corpus: the Brechtian play *Aquele que diz sim e aquele que diz não*. The theoretical framework is composed of *Teoria do drama moderno (1880-1950)*, by Peter Szondi.

**KEYWORDS:** Brecht, epic theater, didactic theater.

Bertolt Brecht (1898 – 1956) foi um dramaturgo alemão, conhecido por ter “quebrado a quarta parede” do drama moderno, criando o teatro épico, também chamado de brechtiano. Neste gênero literário, a função da peça teatral deixa de ser anular a distância entre espectador/leitor e o teatro e causar a catarse aristotélica (drama puro defendido na *Poética*) e passa a ser fazer o espectador/leitor distanciar-se do drama apresentado ao ponto de refletir sobre a sua vida. O teatro épico exige engajamento e segue a linha da literatura engajada tão aclamada no século XX. Desta maneira, o teatro épico de Brecht busca fazer o espectador/leitor refletir sobre sua vida/o mundo a partir do conteúdo diegético da peça, ou seja, este teatro busca ensinar algo ao seu espectador/leitor, causando efeito de estranhamento e não de identificação, como no drama puro de Aristóteles.

Além da teoria do teatro épico e de escrever peças épicas, como *Os fuzis da senhora Carrar*, Brecht também ocupou-se de escrever peças didáticas, como

*Peça didática de Baden-Baden sobre o acordo e Aquele que diz sim e aquele que diz não* (1930), sendo esta última o objeto de análise do presente estudo. Nestas peças, o viés didático já presente nas épicas torna-se o fim máximo. Como foi dito, o engajamento é a atitude esperada dos espectadores/leitores de Brecht, cuja obra foi marcada pela luta contra o capitalismo e o imperialismo. Esta atitude política pode ser relacionada ao fato de o dramaturgo alemão ter vivido a primeira e a segunda guerras mundiais. Após a ascensão de Hitler ao poder em 1933, Brecht exilou-se em diversos países para fugir do regime nazista, como Áustria, Dinamarca e Estados Unidos. Daí sua luta anticapitalista e o teor político de ideologia esquerdista em suas peças épicas, que pedem o engajamento, e didáticas, que pretendem ensinar o leitor/espectador sobre a sociedade.

*Aquele que diz sim e aquele que diz não* configura um conjunto de duas peças espelhadas denominadas “óperas escolares” em seu subtítulo. Em ambas, temos a história de um menino que acompanha seu professor e mais três estudantes na procura por grandes médicos para conseguir cura e remédios para seu povo, pois a cidade sofria uma epidemia. O menino pede para acompanhar o professor porque sua mãe está muito doente, portanto, ele leva seu cantil com a esperança de trazer-lhe remédios para que ela seja curada. No meio do caminho para encontrar os médicos, o menino sente-se mal. O que acontece após isso é o que diferencia as peças nesse jogo de espelhos: como já esperado pelos títulos, na primeira o menino aceita ser deixado para trás e pede para ser morto; na segunda, ele não quer ser abandonado.

Portanto, na primeira peça desse jogo de espelhos, ou seja, em *Aquele que diz sim*, o menino é deixado para trás quando se sente mal e acata esta decisão. É interessante o diálogo que se dá no momento em que o professor o avisa que será deixado para trás: quando o professor induz o menino a aceitar ser deixado, este aceita a condição e o professor diz “ele respondeu conforme a necessidade!” (BRECHT, 1988, p. 223). Nesta passagem, observamos que o mais fraco, ou seja, o menino, é deixado para trás quando não se sente bem e, ao aceitar tal condição, ele responde de acordo com a necessidade do grupo. Ou seja, ele não é um rebelde como Brecht, que se exilou da Alemanha nazista: ele é um passivo que aceita as condições em nome de um suposto bem maior.

Assim sendo, esse trecho pode ser interpretado como uma crítica ao darwinismo social, no qual os fracos não têm vez e devem abaixar a cabeça para os produtivos passarem, ou seja, acatar a lógica capitalista de produção e tempo. O menino, então, pede que o joguem no vale para que não morra sozinho. Ele é “aquele que diz sim”, ou seja, que acata as regras sociais. Na caminhada para o vale, o menino pede “arriscava perder minha vida. / Foi pensando em minha mãe / que me fez partir” (BRECHT, 1988, p. 224). O coro diz: “então os três amigos pegaram o cantil / e deploraram os tristes caminhos do mundo / e suas duras leis amargas [...] de olhos fechados, eles jogaram o menino, / nenhum mais culpado que o outro” (BRECHT, 1988, p. 225). Neste trecho, observamos que o coro, o elemento épico importantíssimo que julga o certo e o errado desde as tragédias

gregas como *Antígona*, traz constatações críticas acerca do nosso tempo: o mundo tem leis amargas e fecha os olhos frente à miséria para não se sentir culpado. O menino, nesta peça, é uma vítima alienada e conivente com a situação do mundo moderno, assim como os três estudantes, que fazem tudo que o professor ordena. O professor, neste caso, representaria o mais forte, ou seja, o Estado, a mídia, as instituições sociais como igreja e família etc. Esta conivência torna-se muito evidente no início da peça, na fala do coro: “O mais importante de tudo é aprender a estar de acordo. / Muitos dizem que sim, mas sem estar de acordo. / Muitos não são consultados, e muitos / Estão de acordo com o erro. Por isso: / O mais importante de tudo é aprender a estar de acordo” (BRECHT, 1988, p. 217).

A segunda peça desse jogo brechtiano, *Aquele que diz não*, inicia-se com a mesma fala do coro supracitada. Nesta peça, as coisas são invertidas, realmente como num espelho: a mãe, desta vez, diz que está bem e não que está muito mal; a viagem do professor não é para trazer remédios para a população; este é o motivo do menino, o professor viaja pelos estudos; desta vez, a ideia de jogar o menino que não se sente bem no vale é dos três estudantes, e não do professor, que reluta mas aceita; e, por fim, desta vez o menino diz que não está de acordo. Quando o menino nega a tradição de ser jogado no vale (enquanto, na primeira peça, é ele que pede para ser jogado), o professor diz “ele não respondeu de acordo com o costume” (BRECHT, 1988, p. 251). Ao ser questionado pelo professor, o menino responde: “E quanto ao antigo grande costume, não vejo nele o menor sentido. Preciso é de um novo grande costume, que devemos introduzir imediatamente: o costume de refletir novamente diante de cada nova situação” (BRECHT, 1988, p. 251). Neste trecho, observa-se, na fala do menino, uma referência à teoria do teatro épico de Brecht: a atitude da reflexão frente às situações. Os estudantes, quando questionados pelo professor, respondem “não vai ser um antigo costume que vai nos impedir de aceitar uma ideia justa” (BRECHT, 1988, p. 252).

Por fim, o coro completa “nenhum mais covarde do que o outro” para se referir aos estudantes e ao professor na volta para levar o menino à sua casa, em contraposição ao que foi dito na primeira peça enquanto eles levavam o menino ao vale para matá-lo: “nenhum mais culpado que o outro”. Ou seja, na primeira peça, eles não se sentem culpados em seguir o que o professor impõe; na segunda, eles vão contra o professor, que diz que seriam zombados por voltar, e não se sentem covardes em fazer o que consideram justo. É o plano da alienação/conivência (*Aquele que diz sim*) versus o plano da consciência/justiça (*Aquele que diz não*), conquistada pelo menino ao impor-se contra um antigo costume.

Portanto, esta peça didática de Brecht compara a conivência e alienação de *Aquele que diz sim* com a justiça e a consciência de *Aquele que diz não*, procurando explicitar a necessidade de não se alienar e de expor sua opinião frente às situações da vida, como propõe o próprio teatro épico de Brecht. Pode-se supor, portanto, que em suas peças didáticas, Brecht ensina ao público, em uma instância mais artística e estética, o que a sua teoria épica propõe: a reflexão. Na épica, reflete-se através do estranhamento,

distanciamento e engajamento frente ao que se dá no palco/texto. Na didática, essas atitudes são mostradas no enredo, e não esperadas do seu leitor/espectador. É como se fossem didáticas por trazerem, na própria diegese, a atitude esperada do espectador/leitor frente à peça épica: engajar-se na vida. É a literatura/arte engajada explicitamente, como um convite aberto através do exemplo.

Na sala de aula, a peça *Aquele que diz sim e aquele que diz não* pode ser utilizada em uma atividade sobre a importância de não se alienar, ou seja, a importância da consciência política em sociedade. A faixa etária ideal para essa atividade seria o ensino médio, pois nessa idade e com essa bagagem escolar os alunos teriam maior facilidade em lidar com uma peça de teatro, bem como em analisar politicamente o que for dito no texto. A pergunta que poderia servir de mote para a discussão seria “Por que devemos questionar as situações e expor nossa opinião?” em um debate pacífico sobre a importância de ter uma consciência política, debatendo desde a importância de votar no Brasil até a importância de saber as notícias não só para poder passar no vestibular, mas para ter consciência e atitude políticas frente à sociedade em que vivemos.

O professor poderia trazer notícias de jornal sobre situações políticas atuais, como a ocupação das escolas, e a peça em um segundo plano, pedindo que os alunos fizessem uma relação entre a ocupação das escolas e as peças: qual atitude os alunos que ocupam têm? Dizem sim ou não? Além disso, é interessante o debate: por que as duas peças configuram um possível jogo de espelhos? Qual a principal diferença entre *Aquele que diz sim* e *Aquele que diz não*? Por que o final das duas é modificado tão drasticamente? A partir destes questionamentos, os alunos seriam incitados a refletir sobre a importância de ter uma opinião política e a necessidade de serem cidadãos politizados.

Por fim, as “óperas escolares” de Brecht trazem uma riquíssima discussão acerca da importância de não se deixar alienar, tema indispensável no contexto escolar, no qual as futuras gerações são formadas todos os dias.

## REFERÊNCIAS

BRECHT, Bertolt. **Teatro completo**, em 12 volumes. Tradução de Wolfgang Bader, Marcos Roma Santa e Wira Selanski. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1988. Vol. 3.

SZOND, Peter. **Teoria do drama moderno (1880-1950)**. São Paulo: Cosac & Naify, 2001.